

# Muito mais do que um escritor: um “escultor de palavras-mundo” - Encarni Pérez entrevista Ángel Olgoso\*

ENCARNI PÉREZ\*\*

Quando falamos com Ángel, a sensação que deixa impressa no espírito é de serenidade, a repousada harmonia vital daquele que vive em um mundo de palavras. Quando lemos algum dos seus relatos, naturalmente adentramos em um mundo de grande riqueza visual e imaginativa, onde as palavras descrevem minuciosamente cada impressão, cada sentimento, cada emoção, cada estremeamento... tanta é a carga estética que transportam, tornando verdadeira a afirmação de que contêm, em si mesmas, um mundo completo e sensitivo. Ler os relatos de Ángel Olgoso é um prazer viciante!

**EP: Você é um conhecidíssimo autor nos círculos literários, sente-se mimado pelos leitores?**

**Ángel Olgoso** – Bom, como dizia George Bernard Shaw, desabrochei antes dos vinte anos, mas quase ninguém aspirou o meu aroma até depois dos quarenta anos. Eu continuo a me sentir um homem invisível: durante mais de três décadas fiz parte desse caminho paralelo à literatura comercial, desconhecido do grande público e dos críticos dos grandes suplementos literários. Mas é verdade que existe um crescente punhado de generosíssimos leitores que, ao que parece, apreciam meu trabalho literário. Até existem alguns irredutíveis que querem ser conhecidos como olgosianos ou olgosófilos, o que me faz corar agradavelmente. Trata-se de uma grande conquista, se à fatalidade de não escrever romances soma-se a de ser periférico,

---

\* Entrevista originalmente publicada em Wadi-as – revista de información de Guadix y Comarca, Espanha, 11-27/jan./2014. Tradução da Profa. Dra. Roxana Guadalupe Herrera Álvarez (DLEM - Ibilce - Unesp/São José do Rio Preto). Agradecemos a Encarni Pérez e a Wadi-as pela permissão de traduzir e publicar esta entrevista.

\*\* Directora Adjunta do Jornal Wadi-as Información – 18500 - Guadix – Granada – Andaluzia - Espanha. E-mail: wadias2000@gmail.com

de ter um temperamento reservado e uma preguiça crônica para comerciar e a precária distribuição dos meus primeiros livros e as editoras, as pequenas, que publicam os meus livros. Talvez os meus relatos concentrados, depurados, estranhos, versáteis e trabalhados como ourivesaria requerem leitores exigentes, os quais são poucos. Na verdade, nem sei nem desejo escrever de outra maneira, cada um tem sua própria caligrafia, e eu vou seguir o meu caminho sem me perturbar, mesmo que isso signifique que os meus livros vão continuar sendo pequenas caixas que encerram raridades. Contudo, apesar dos possíveis inconvenientes (por exemplo, de 1979 até 1999 não consegui ver nenhum livro meu numa livraria, faz só alguns poucos anos consegui publicar numa editora de distribuição regular), fico satisfeito com a recompensa interior que me proporcionou essa invisibilidade: o privilégio de ser fiel a mim mesmo, o valor supremo de escrever com total liberdade.

**EP: O silêncio e a paciência são aliados necessários para Ángel Olgoso?**

**Ángel Olgoso** – Pelo menos, no meu caso, sim. Para mim, é muito difícil criar se não tenho um colchão de tranquilidade e rotina. Sou daqueles que pensam que a única tarefa do escritor é procurar a excelência literária, que os frutos da arte e da imaginação devem amadurecer na penumbra do silêncio, da calma e da solidão. A quietude externa e a inquietude interna parecem precisar uma da outra. De outra forma, eu não poderia percorrer esse caminho misterioso que vai em direção ao íntimo, como dizia Novalis, porque, segundo ele, é em nós e não em outro lugar, onde se encontra a eternidade dos mundos, o passado e o futuro. Durante décadas, dediquei-me exclusivamente a cultivar meu pequeno jardim de relatos com uma paixão tranquila, sem visão de futuro. Não o fiz por pretensões de pureza artística –ou não só por isso– mas porque, na minha ingenuidade, subentendia que um escritor devia se limitar simplesmente a escrever. Enfim, não podemos evitar ser como somos. Lembro, com um sorriso, as palavras com as que finalizou Miguel Ángel Muñoz a apresentação pública de *Los líquenes del sueño* [inédito em português]: “Penso que não deve ser fácil ser Olgoso, conviver com seus pesadelos e seu perfeccionismo estranho. Nós somos afortunados porque, ao não ser Olgoso, podemos chegar o mais perto disso sem provocar nenhum dano a nossa saúde: podemos ler seus escritos.”

**EP: Você se considera da “velha escola”, isto é, sempre com o caderno e a caneta na mão?**

**Ángel Olgoso** – Dominique Sampiero, em seu livro *Le Temps Captif*, define o escritor por vocação como aquele colado ao papel e à caneta, é aquele que vive a vida querendo escrevê-la, aquele em alerta constante diante daquilo que é suscetível de ser escrito. Eu teria gostado de viver exclusivamente para a leitura e a escrita, para a busca incessante da beleza e da estranheza. Quando era mais novo, esse estado de alerta constante era mantido as vinte e quatro horas do dia, esse “*nulla dies sine linea*” do provérbio latino parecia depender menos de fatores externos como a família, os vizinhos ou a disciplina salarial. Agora, infelizmente,

não disponho de tanto tempo para essa exaltação imaginativa –própria daquele que tinha uma curiosidade infinita, de quem tinha a cabeça nas nuvens–, para essa afirmação radical própria de quem só se preocupava em escrever. Agora, talvez como acontece com todos, tenho mais aguda a sensação de estar em mãos intangíveis e, por isso, me contento com fazer apontamentos rápidos, quando as circunstâncias permitem, e encontrar tempo logo para me concentrar completamente na escrita do próximo relato.

**EP: Dizem que você é um dos autores de referência do relato breve e fantástico em espanhol. Que importância você dá à literatura na sua vida?**

**Ángel Olgoso** – Se eu sou referência de alguma coisa, preferiria ser do relato simplesmente. Sou escritor de relatos, nada além disso, só tento contar minhas obsessões do melhor modo possível. Receio estar confinado tempo demais na roupagem estreita da minificção e do fantástico e as costuras começam a me apertar um pouco. A literatura é a minha verdadeira vida, a real é, muitas vezes, um trâmite maçante e difícil. E não falo como escritor, mas essencialmente como leitor, pois sou um desses leitores vorazes, leitores sem remédio como Alonso Quijano<sup>1</sup>, leitores que leem para viver, para viajar, para explorar, para ampliar a vida, para interpretá-la e enriquecê-la. Pode ser que os livros [não] sejam exatamente o mundo, mas, com certeza, ajudam a entender sua complexidade, intensificam-no, ajudam a fixar essa fugidia realidade para ter consistência sólida. A leitura é um ato livre e voluntário, nasce do cérebro e toca o coração, entrega uma parte importante da verdade e da beleza da existência, é um bosque animado, um telescópio de sonhos, um microscópio de emoções, uma liberação do jugo da realidade, um fortim frente às imposições do poder, um licor de paixões, um refúgio contra a tormenta, a chave de um tesouro ao mesmo tempo esplêndido e humilde, o tesouro da imaginação. Do meu ponto de vista, é a mais radical e delicada demonstração da soberania de um homem, da sua irredutível vontade, talvez sua única possibilidade de adiar a morte.

**EP: O que pretende, caso você pretenda algo, com sua literatura?**

**Ángel Olgoso** – Transformar a lagarta da realidade na borboleta da arte. Creio que a função da literatura é metamorfosear o real, transcendê-lo, enriquecê-lo com sonhos, experiências e, sobretudo, com uma linguagem rica e vigorosa para que, em momento algum, devesse ser uma simples fotografia. Tento criar um mundo pessoal e estranho, bastando-se a si mesmo, juntando a precisão e a beleza da linguagem com a singularidade da história, tento acertar no alvo do leitor para fazê-lo sentir ou refletir, para tirar seu sossego, para lhe dar o prazer de abolir, para ele, o espaço e o tempo, de situá-lo numa atmosfera na qual é possível o impossível, para conseguir que os relatos o acompanhem muito depois da sua leitura, como uma reverberação, como uma chama incandescente da qual não consegue se desprender, como um rescaldo que ainda aquecerá seu coração. Gosto de pensar que escrevo para leitores

---

<sup>1</sup> No romance de Miguel de Cervantes, é o nome de Dom Quixote. N. da T.

que fruem o primor literário e com um olhar imaginativo –não fantasioso–, que apreciam a literatura e a beleza, a requintada conciliação das asperezas da realidade com a idealidade da arte.

**EP: Sua literatura se deixou influenciar por outros escritores ou obras literárias?**

**Ángel Olgoso** – Todas as leituras marcam de alguma maneira, umas com ferro em brasa e outras com um leve perfume. É inevitável elas acabarem se refletindo na própria obra, seja como aspiração para ser emuladas ou para ser homenageadas. No entanto, cada um tenta expressar seu mundo próprio, interpreta, a seu modo, a persistente ilusão da realidade. São muitos os autores que admiro e aos que devo muito. Por citar uns poucos, Poe e Kafka em primeiro lugar, os fantásticos da era Vitoriana, os fantásticos latino-americanos, Maupassant, Schwob, Buzzati, Arreola, Denevi, Aickman etc. Passei por épocas consecutivas que tinham a marca de Cortázar, de Vian, de Kerouac, de Mishima, de Chandler, de Bukowski, de Bradbury. Degustei a “prosa comestível” de Azorín, Aldecoa, Schulz, García Pavón, Rulfo, Pla. Mas se eu só pudesse mencionar duas preferências, seriam Álvaro Cunqueiro (um mágico e delicioso universo) e Chateaubriand (um ponto alto estilístico da humanidade).

**EP: Quais são seus motivos principais ou fontes de inspiração? De que se nutrem seus relatos?**

**Ángel Olgoso** – Partindo de uma pulsão, de uma ideia recorrente, de um sonho, de uma imagem, de uma recordação, de um título, eu começo descartando o real dessa visão fugaz. Depois trabalho cada relato conscienciosamente, como uma escultura à qual me dou em corpo e alma: enquanto vou dotando de verossimilhança e colorindo com detalhes, persigo a palavra exata, precisa, inaudita, esse termo expressivo, pitoresco ou raro que, não obstante, parece se adequar perfeitamente à narração, essa palavra, resplandecente como um vagalume, possui o poder de inaugurar mundos, de convocar realidades, de criar emoções. Poucas vezes é um processo febril; a maioria das vezes, ao invés disso, é uma tarefa disciplinada cujo resultado só é revelado depois de muitas idas e vindas. Preciso unicamente de muito tempo pela frente porque, além disso, escrevo muito lentamente, palavra por palavra, tessela por tessela, para conseguir algo em que não sobre nem falte nada, para lutar pela excelência de cada texto.

**EP: De que caminhos se vale a deusa inspiração para guiar sua mão?**

**Ángel Olgoso** – Sempre digo que escrevo quando posso, quando o trabalho, a saúde e os vizinhos permitem: depois de vários anos sem escrever nada, e aproveitando uma licença pré-operatória, consegui compor os cinquenta relatos de *Los demonios del lugar* [inédito em português] e os cem minicontos de *La máquina de languidecer* [inédito em português]. Isso mostra claramente que estou totalmente nas mãos das circunstâncias. Em ocasiões, destilar

experiências e sonhos no alambique da prosa, conseguir que a imersão do leitor nesse mundo imaginário seja, se não total, pelo menos digna, exige de mim tanto tempo quanto a pesquisa. Para o meu relato “Las Montañas de los Gigantes a la caída de la tarde” [inédito em português], estive guardando informação e fiz anotações sobre o pintor romântico alemão Friedrich durante vinte anos. “El Lecho Celeste del doctor Graham” [inédito em português] me tomou três meses de pesquisa sobre a cidade de Londres na época Vitoriana. “El síndrome de Lúgrís” [inédito em português] levou oito meses de escrita e, “Los palafitos” [inédito em português], cinco anos. No entanto, “Viaje” [inédito em português] foi trabalhado mentalmente durante uma noite de insônia até encontrar no espaço de uma hora sua forma definitiva. Quicá Valente estivesse certo: não se trata de que a obra seja breve ou longa, não importa escrever pouco ou muito, importa ter a graça ou o dom da abundância justa.

### **EP: O que encontra de atrativo na vida para plasmá-la em relatos?**

**Ángel Olgoso** – Spinoza dizia que o universo consta de infinitas coisas em infinitos modos. Então, nos quinhentos relatos que escrevi há uma pouquíssima amostra dessa diversidade angustiante, desses universos vislumbrados, dessa realidade paralela que, de maneira distorcida como uma sombra, acompanha a realidade visível. Como acontecia com Poe, as realidades do mundo me afetavam como visões somente, enquanto as loucas ideias do país dos sonhos eram, pelo contrário, a matéria de uma existência de todos os dias. Ibsen escreveu que viver é lutar contra os seres fantásticos nascidos nas câmaras secretas do nosso coração e do nosso cérebro. Mas, cada vez estou mais convencido de que a literatura, a arte nos consolam, são uma modesta magia contra a opressão de uma realidade vulgar, asfixiante ou terrífica, um antídoto contra seu veneno.

### **EP: A vida assume um sentido com as palavras?**

**Ángel Olgoso** – Concordo totalmente com o meu amigo, tradutor e editor Paolo Remorini quando diz que o meu é um “fantástico de palavras”, mais do que os fatos narrados, são as palavras, conscienciosamente utilizadas, e as imagens evocadas por elas, as que desafiam e ampliam os limites da razão e da natureza. A linguagem é muito mais que uma ferramenta. Na hora de transformar em substância estética os mistérios da existência, sirvo-me das palavras, mas também sirvo as palavras: tento levá-las mais além do narrado, que hipnotizem o leitor, que tenham peso específico e capacidade fundacional, que sejam –segundo aprecia Carlos Almira nos meus relatos– como signos de abertura a outros planos, palavras-mundo capazes de criar sua própria atmosfera e elevar a narração a um plano de significação diferente.

### **EP: O que há entre a realidade e a fantasia? Entre o vivido e o sentido?**

**Ángel Olgoso** – Diz-se que a arte vive nas tênues fronteiras que separam o real do irreal. É precisamente esse mundo fronteiro, esse limite onde se apagam as diferenças entre as

impossíveis criaturas da mente e as criaturas da realidade, que eu continuo explorando. Trata-se, em definitiva, da faculdade de jogar, de agregar algo à Criação (o fantástico são “correções nos planos da Criação”, segundo Arreola), de tomar seu lugar, de reinterpretá-la por meio de enfoques temerários e saltos impensados, mediante exercícios livres da imaginação sem empecilhos que situam o leitor na corda bamba do espaço e do tempo, impedindo a ele uma aceitação submissa da realidade. Ao escrever, contemplo a realidade como essas ondulações do ar causadas pelo calor, essas refrações que a transformam em outra realidade, menos limitada, mais movediça e com limites imprecisos, numa miragem de formas atrativamente enganosas. Como bom solipsista, considero que cada um cria sua própria realidade.

### **EP: O que são os prêmios? Que significam?**

**Ángel Olgoso** – Para mim é um mistério por que, na Espanha, cada distrito, prefeitura e órgão público convocava (agora são muito menos, claro, depois do Grande Saque<sup>2</sup>) um concurso literário, sobretudo atendendo à nefasta ou inexistente distribuição posterior da obra. Desconfio que isso poderia ter uma remota conexão com a ideia –já enterrada e esquecida, infelizmente– do prestígio da cultura, ou com o sentimento de culpa por parte dessa classe delituosa que costumamos chamar de governantes, obrigados a deixar cair sobre os indigentes artistas umas migalhas sobrantes dos seus roubos institucionais. O caso é que os prêmios aí estão, e os escritores somos muito livres para jogar numa loteria que pode aliviar transitoriamente nossa miséria ou mostrar-nos a miragem de um reconhecimento maior. Mas, ainda que sejam bem-vindos como alívio ou consagração pontuais, devemos nos cuidar para não ficar presos nessa rede.

### **EP: A sua última obra publicada não é a mesma que sua última obra escrita. O que há entre ambas? De que tratam essas obras?**

**Ángel Olgoso** – Dentre os três últimos livros publicados recentemente, *Las frutas de la luna* [publicado em 2013, ainda não foi traduzido ao português] é o último que escrevi e o considero minha obra mestra: trabalhei nele durante três anos com vontade de ourives e nos seus relatos há uma aura mais fatalista, quase de revelação bíblica, mais universal, onde a dor, as derrotas ou as atrocidades da vida nos atingem enquanto espécie. *Almanaque de asombros* [publicado em 2010, ainda não foi traduzido ao português] é um relato de inícios dos anos noventa publicado agora por Claudio Sánchez Viveros, uma pequena joia bibliográfica em homenagem à época dos pergaminhos. *Cuentos de otro mundo* [publicado em 2010, ainda não foi traduzido ao português] é a versão íntegra do meu livro reeditado pela editora Nazarí com esplêndido prólogo de Miguel Ángel Muñoz e impressionante capa feita por Santiago Caruso. Por outro lado, saiu faz uns meses, pela editora italiana Siska Editore, num e-book enriquecido graças ao uso de multimídia, uma seleção de relatos breves intitulada *Racconti abissali* [ainda não foi traduzido ao português]. E a editora granadina Transbook reeditou o

<sup>2</sup> Alusão à crise econômica espanhola. N. da T.



meu livro *Astrolabio* [publicado em 2010, ainda não foi traduzido ao português] em suporte digital, pois a edição em papel da editora *Cuadernos de Vigía* está esgotada.

**EP: Desde 7 de novembro [de 2013]<sup>3</sup>, data em que foi realizado o ato, a Biblioteca do Instituto Pedro Soto de Rojas de Granada foi nomeada “Biblioteca Ángel Olgoso”. O que você sente quando põem seu nome numa biblioteca?**

**Ángel Olgoso** – Supresa, vertigem quase cósmica, gratidão e pudor pelo extraordinário e imerecido deste intimidante privilegio, um nó de emoção na garganta, uma piscadela de tenra cumplicidade para aquele menino que cresceu numa casa sem livros (meus pais tiveram que trabalhar sem descanso desde os sete anos e não puderam ir à escola mais do que uns poucos meses), um valiosíssimo empurrãozinho para ir aprendendo a respeitar e valorizar o meu trabalho, um gesto que sempre levarei no coração porque não me ocorre nada mais belo, para um amante dos livros, do que uma biblioteca que leva seu próprio nome.

**EP: Você tem algum projeto “entre mãos”? Sua mente está sempre em “constante” redação?**

**Ángel Olgoso** – No ano passado [2012] finalizei o seguinte livro de relatos *Breviario negro*: quarenta textos que já contam com prólogo de José María Merino, e que provavelmente serão ilustrados pelo artista argentino Santiago Caruso (que por enquanto também trabalha nos relatos de *Los demonios del lugar* para uma futura edição ilustrada). Neste verão, comecei a redação de um novo livro de relatos, *Devoraluces*. E já está pronta a edição hispano-italiana de *Ukigumo*, um livro de haikais inédito que escrevi em 1992. Como já é sabido, *ars longa, vita brevis*.

**EP: Você conhece a comarca de Guadix? Cuando veremos você por aqui?**

**Ángel Olgoso** – Infelizmente, ao ser, mais do que tudo, um viajante imóvel que só viaja com a imaginação, conheço-a como lugar de passagem, mas espero reparar logo essa falta.

**Eu sou...**

**Apresentação do autor para os leitores de Wadi-as**

“Não sou mais do que um criador de pequenas construções imaginativas em prosa. Durante 35 anos venho me dedicando a pulsar todas as formas do breve e do fantástico, ainda que minha pedra angular seja o estranhamento. Creio que a literatura –como disse José María Merino– deve fazer a crônica da estranheza. Sempre gostei do pouco comum, do assombroso, de pensar nas coisas que penso que os demais não vão pensar e, com isso, inquietar e comover o leitor.

<sup>3</sup> <<http://www.editorialnazari.com/es/notizie/42-biblioteca-angel-olgos.html>>

Minha literatura é de fabulação, de distorção do real, mais seduzida pelos corcéis da imaginação do que pelos ratos da trivialidade. No entanto, não cultivo a estranheza por simples capricho, faço-o irremediavelmente porque responde a minha percepção da vida; minha visão das coisas é estranha, mas a realidade o é ainda mais. Não me interessa reproduzir as miudezas do cotidiano, o que acontece todos os dias com todo mundo, mas sim violentar as regras do possível, esporear a imaginação do leitor, mostrar-lhe outras perspectivas.”

**Fonte**

OLGOSO, A; PÉREZ, E. Mucho más que un escritor, un escultor de “palabras-mundo”. Disponible em Web: <<http://www.editorialnazari.com/es/notizie/162-entrevista-a-angel-olgo-en-wadi-as.html> >.

Recebido em: 02/06/2016.

Aceito em: 12/08/2016.